

RECADO DE PARIS

PARIS, janeiro — No "hall" vasto e vazio desse velho Hotel Virginia há um juiz em férias que faz hora para ir ao seu teatro. É o ministro Filadelfo de Azevedo, da Corte Internacional de Justiça de Haia — e ex-prefeito do Rio de Janeiro.

Está conversando com outro brasileiro — e conta que em Haia trabalha muito. Aqui mesmo em Paris gasta horas lendo os arrazoados que mais tarde terá de julgar. Não é de espantar que em mundo tão cheio de injustiças os juizes andem sobrecarregados de trabalho.

A Corte não julga apenas: também dá pareceres, quando a O.N.U. os pede. A Hungria nega-se a nomear um árbitro para o tribunal que deveria estudar o caso do cardeal Mindszenty. Que fazer? A Africa resolve anexar certos territórios sob mandato do Sudoeste Africano. A Corte deve descascar esses "abacaxis" do mundo — realmente descascá-los, e não cortá-los, pois quase sempre não é chamada a decidir do mérito das questões, mas apenas do procedimento cabível.

Caravanas de juristas chegam do litoral Pacífico da América do Sul São peruanos e colombianos. Vêm defender o ponto de vista de seus governos sobre o caso Haya de la Torre. A Corte não vai julgar se Haya de la Torre é um perseguido político ou um criminoso comum. Mas pode ser obrigada a responder a esta pergunta, que afinal de contas é muito importante: É o governo do país de que o cidadão é súdito (o Perú, no caso) ou o governo do país que o asilou em sua Embaixada (no caso, a Colômbia) que classifica o crime ou suposto crime do acusado, dizendo que é comum ou político?

Haya de la Torre está há uns 13 meses na Embaixada da Colômbia, que se nega a entregá-lo às autoridades peruanas. O governo do Perú diz que Haya de la Torre é um criminoso comum, responsável por atos de terrorismo. O governo da Colômbia diz que é um perseguido político a quem deu asilo, e pretende transferi-lo para seu território. Entretanto, o chefe aprista "mofa" nas salas da Embaixada.

A Corte de Haia terá de resolver aquela dúvida, e muitas outras que os sutilíssimos advogados de Lima e Bogotá na certa levantarão. Vários volumes estão sendo escritos de um lado e outro, antes do debate oral: o caso só deverá ser resolvido ao fim de muitos meses.

O ministro em férias não deixa transparecer o que pensa de coisa alguma e pergunta o que há sobre a sucessão presidencial no Brasil. Se eu fosse tão mal educado como dizem, responderia que foi para não ouvir essa pergunta que atravessei o Atlântico e estou aqui, neste vasto e vazio "hall" de hotel parisiense.

28.1.50

R. B.